

No terreno literário e editorial, teríamos em nosso homenagem, um aliado formidável, tanto na luta contra a censura, como nas restrições e tremendas dificuldades do escritor novato que se tenta publicar e não consegue, devido às “igrejinhas” e aos problemas econômicos.

No último 1º de maio, data de nascimento de Alencar, não vi o número de homenagens a que ele tanto se fez e faz merecedor. Apenas um editorial de um matutino de São Paulo, em que o comentarista, num rápido apanhado, disse bem, entre outras coisas:

“Na verdade, o sesquicentenário de nascimento de José de Alencar não teria importância alguma, se seu nome não valesse atualmente o que valeu no passado.

No sesquicentenário de nascimento de um dos nossos principais escritores, fica o Brasil a dever o tributo àqueles que, pela subnutrição ou pela intransigência, não estamos permitindo participar de nossa História. Esta não é uma constatação de que nos poderíamos orgulhar, ou que José de Alencar desejaria para o País que tanto amou.”

Reverenciemos e exaltemos esse homem extraordinário que, no dizer do cronista, “não acabou. Explodiu como uma estrela, e à luz das estrelas mortas fica brilhando no céu muito tempo depois que elas se extinguem” e a luz de Alencar é inextinguível, pois continua brilhando e brilhará eternamente.

\*

## CRÔNICA FRANCA

Odilon Nogueira de Matos

Ao longo de mais de quarenta anos de vida profissional adquiri uma razoável experiência de participação em congressos, simpósios, conferências, jornadas, semanas, encontros, seminários, mesas-redondas ou coisas similares, por este Brasil afora. Raro o Estado onde não estive participando de reuniões dessa natureza. Poderia pontilhar o mapa de nosso País com inúmeras cidades onde me reuni a colegas das mais diversas procedências para a discussão de temas de interesse comum. E dentro da mais variada gama de preocupações: História, Geografia, Engenharia, Educação, Transportes, Filosofia, Sociologia, Artes, Folclore, Literatura, Religião... Participei até de congressos sobre temas que não me interessavam de maneira alguma, mas aos quais me senti obrigado a comparecer a fim de representar entidades a que estava vinculado. E é com a maior satisfação que recordo que minha iniciação nessas atividades foi nesta própria cidade,

quando, pouco mais que um adolescente, mas já interessado no estudo das estradas de ferro, participei de um congresso ferroviário aqui realizado em 1935, para comemorar o centenário da chamada “Lei Feijó”, que foi a primeira lei sobre estradas de ferro assinada no Brasil. Sempre vi interesse nessas reuniões, não só pelos seus aspectos culturais, mas, especialmente, pelos contatos com pessoas de outras partes do País e até do mundo, que trabalham nos mesmos setores ou em setores afins. Diria mesmo que alguns dos melhores relacionamentos de que me orgulho em minha vida profissional foram obtidos nessas reuniões. Eis por que delas só não participo quando efetivamente não tenho condições de o fazer.

Este intróito de caráter tão pessoal vem a pêlo só para dizer quanto me sinto à vontade para falar de uma das últimas reuniões dessa natureza, de que participei — a “Semana da História” — realizada na cidade paulista de Franca de 18 a 23 de junho, numa bela promoção do Instituto de História e Serviço Social da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, sediado naquela cidade, e por iniciativa de seu diretor, o professor Manuel Nunes Dias, renomado historiador e antigo professor da Universidade de São Paulo, onde fez toda a carreira universitária ( da carteira à cátedra... ) e cujo simples nome já constituía uma garantia da excelência da reunião que promoveu, pois todos nós nos habituamos a ver nele e nas obras que produziu, magníficos modelos de seriedade, de probidade intelectual, de honestidade de propósitos. Tudo, portanto, fazia-nos esperar que a “Semana da História”, de Franca, fosse realmente uma grande reunião. Mas, superou as expectativas.

Aliás, é me grato recordar que foi esta a terceira oportunidade de ir a Franca e sempre para funções de idêntica natureza: a primeira, para um “Simpósio de História, a segunda, para uma “assembléia” de geógrafos, e, agora, a terceira, para uma “semana” também de História. Três nomes — simpósio, assembléia, semana — que, afinal significam a mesma coisa e tiveram o mesmo objetivo: reunir especialistas e estudiosos diversos nas mais diversas áreas dessas duas matérias ( a Geografia e a História ) para a discussão de temas os mais variados e todos da mais alta relevância.

Bem andou o Professor Manuel Nunes Dias quando escolheu para tema da “Semana” de Franca, as **Fontes da História**. E o próprio regulamento dos trabalhos especificava, nos seus dois primeiros artigos, que a reunião objetivava “reunir informações de fontes históricas com vista, notadamente, à Pós-Graduação” e que o tema poderia ser abordado no seu mais amplo aspecto, isto é, fontes nacionais e estrangeiras, de toda a natureza, “manuscritas, impressas, documentográficas, públicas e particulares”. Isto permitiu tal variedade e tal riqueza de temas, todos eles tratados no mais alto nível, que fez da “Semana” francana talvez a reunião mais interessante de quantas a que assisti no Brasil, na

área dos estudos históricos. Basta folhear o catálogo da “Semana” para se perceber a extensíssima gama de interesses em torno da pesquisa histórica: história econômica, história social, história da cultura, história das mentalidades, história da ciência, história local, história regional, história das instituições, história religiosa e, ainda, outras mais a mostrar quão variadíssimo é o campo que se oferece aos interessados na História e particularmente àqueles que, muitas vezes por necessidades profissionais, precisam realizar uma carreira universitária que obriga à elaboração de monografias e de teses. Foi pensando especialmente nestes que a “Semana” de Franca procurou enfocar o tema e tal interesse despertou — e tal o nível das comunicações apresentadas — que não tenho dúvidas em afirmar que seus “Anais” constituirão referência básica na bibliografia histórica brasileira.

Outra cousa a assinalar na reunião francana: o âmbito nacional, diria até internacional, de que se revestiu. Foi, para mim, uma surpresa quando, na noite de 18 de junho, adentrando o gabinete do ilustre diretor do Instituto de História e Serviço Social, em companhia do preclaro amigo e confrade Lycurgo de Castro Santos Filho, ali deparamos com ilustres amigos e confrades do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de Estados do Norte, além de colegas de quase todos os institutos universitários do interior paulista, e nos apercebemos, desde logo, da amplitude que a “Semana” francana iria tomar. E depois, num mapa exposto num dos corredores do belo edifício do antigo Colégio Nossa Senhora do Carmo, que hoje sedia o “campus” francano da Universidade Estadual, pudemos ver, assinalados, os locais de procedência dos participantes da “Semana”: raro o Estado do País de onde não havia algum representante. Consegui, assim, o Professor Manuel Nunes Dias dar à “Semana da História” uma amplitude realmente nacional e, como já foi dito, até internacional, pois lá se encontravam o Professor Gama Caeiro, de Portugal, e o Professor Léon Pomerantz, de Buenos Aires.

Cumprе não esquecer outro pormenor que particularmente me chamou a atenção: todo o “staff” do Instituto de Franca colaborou ativamente na “Semana”, apresentando trabalhos de sumo interesse, fazendo-nos muito esperar dessa nova geração e historiadores e pesquisadores da História que poderá fazer da velha Franca do Imperador um dos grandes centros de estudos históricos do País. Ainda mais que o Professor Nunes Dias pretende levar avante a idéia da “Semana”, promovendo-a regularmente todos os anos ( ou na periodicidade mais conveniente ), o que constituirá, sem dúvida, estímulo aos que trabalham no campo do ensino e da pesquisa histórica. Franca, pelo seu diretor e pelo seu corpo de professores, merece os maiores encômios e, sobretudo, a maior confiança daqueles que procuram ver na História, não uma ciência a serviço de ideologias, mas a serviço da Verdade e da Humanidade.

Quando tive oportunidade de visitar Franca pela primeira vez, a fim de participar do III Simpósio de Professores Universitários de História, em 1965, levei para a velha cidade uma boa carga emocional, pois durante toda a minha infância, adolescência e mocidade convivi com gente da Franca ou que lá viveu. E todos me falavam das coisas boas da cidade, a deixar com água na boca os que viviam em cidades menores ou que, mesmo sendo maiores, não podiam gabar-se das excelências francanas. Assim, falavam-me do relógio de sol, que não tinha igual no Brasil; do café, que era o melhor do país, embora todos se sentissem magoados porque ele não contribuía em nada para divulgar o nome da cidade, uma vez que era exportado como “tipo São Paulo” ou “tipo Santos”, sem a menor alusão ao município que o produzia; do Colégio Champagnat, justamente considerado um dos melhores do Brasil; dos quitutes deliciosos, influenciados provavelmente pela vizinhança da boa cozinha mineira; das cavalhadas, talvez o único lugar do Brasil onde elas se realizavam de forma bem autêntica; das árvores do jardim representando animais, fazendo da bela Praça Nossa Senhora da Conceição uma espécie de jardim zoológico vegetal; do Hotel Francano, soberbo edifício da época áurea do café, mais aparatoso que muitos Palácios de Governo; e alguns até me contavam histórias curiosas de um famoso artista equestre, Antônio Carlos do Carmo, natural da Franca, que “assombrara o mundo inteiro”, e cuja biografia, traçada por Plínio Ayrosa, vim a ler muitos anos mais tarde. E por aí afora.

Franicanos foram velhos companheiros de pensão quando estudante em São Paulo, como os irmãos Rocha: Flávio, que chegou a prefeito da cidade, e o Wilson, que acabou-se aventurando pelos Estados Unidos e cujo nome vi muitas vezes como tradutor de filmes ou de noticiários internacionais. Aliás, os Rocha não eram propriamente da Franca, mas duma cidade vizinha, a antiga Patrocínio do Sapucaí, hoje Patrocínio Paulista. Mas a formação deles foi toda francana, sempre muito bairristas (no bom sentido do termo) e um deles, como disse, fez carreira política, chegando a governar a cidade. Francano era o saudoso Antônio Constantino, que bem conheci quando diretor da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, onde muitas vezes me atendeu com aquela solicitude bem francana, embora havia muito desenraizado da cidade. Francanos e dos bons, tive-os como colegas ou contemporâneos na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, como o Alfredo Palermo, fundador e primeiro diretor da Faculdade de Direito de sua cidade, ou o saudoso Clemente Segundo Pinho, que, embora também desenraizado por motivos profissionais, continuou francano até o fundo da alma. Não foi sem propósito que sua cidade lhe tributou merecidas homenagens por ocasião de seu prematuro falecimento em Araraquara, onde se havia radicado. Enfim, iria longe nesta minha galeria de francanos, se a todos recordasse. Pois com toda essa motivação francana, só há pouco mais de

dez anos foi que tive oportunidade de conhecer a bela cidade. E com a carga emocional que levei, fui capaz de senti-la, como se eu próprio francano fosse.

De tudo quanto sabia sobre a velha Franca do Imperador, só não encontrei quando a visitei pela primeira vez, as árvores em forma de bichos, que ornamentavam o grande jardim da Praça Nossa Senhora da Conceição. Aliás, pelo que me contaram, eram mesmo de gosto muito duvidoso e bem andou, pois, o prefeito que deitou abaixo aquele arremedo de zoológico. Mas tudo o mais lá estava: os dois grandes colégios ( o Champagnat, para rapazes, e o Nossa Senhora do Carmo, para moças ), os quitutes deliciosos, o Hotel Francano, lembrando mais edifício público, bem ao centro de uma praça, embora já não tivesse a grandeza de outros tempos; o relógio de sol de Frei Germano, e até um espetáculo de cavalaria foi propiciado aos participantes do Simpósio de Professores Universitários de História, coisa que nunca mais vi e nem sei se lá ou em qualquer outro lugar ainda se realiza. Sei apenas que foi um espetáculo inesquecível pela beleza, pelo adestramento dos cavaleiros, bela fidelidade à velha tradição ibérica que remonta às lutas contra os mouros que invadiram a Península. Encontrei, ainda, coisas de que antigamente não se falava: a indústria, especialmente a de calçados, que projetou Franca no mundo inteiro e os espigões que começavam a marcar a paisagem urbana. Enfim, uma Franca bem diferente, como não poderia deixar de ser, daquela que Paulo Duarte descreve no primeiro volume de suas memórias.

Minhas duas primeiras visitas a Franca foram em anos seguidos, sem possibilidade, portanto, de constatar qualquer processo de mudança. Mas da segunda para a terceira medeou um estirão de doze anos. E desta vez já não vi muita coisa que, antes, constituía o orgulho dos francanos, como, por exemplo, os dois grandes colégios e o hotel. Este jaz abandonado, servindo de ninho de morcegos ( segundo me informou um motorista de táxi ) e os dois colégios encerraram suas atividades. O do Carmo foi adquirido pelo Estado, que nele instalou o “campus” francano da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, mas quanto ao Champagnat, pelo que percebi e me informaram, permanece abandonado, sem que se saiba qual destino dar ao grande edifício. Tendo estudado num colégio também bastante tradicional, fiquei a imaginar o velho Champagnat nos seus grandes dias, quando atraía estudantes de todo o Estado e mesmo de todo o País, à moda do meu querido Granbery, de Juiz de Fora. Este era metodista, enquanto que o Champagnat era marista, duas congregações religiosas ( uma protestante, outra católica ) que muito têm feito em todo o mundo pela educação. A avenida onde se localiza o antigo educandário francano tem o nome singelo de “Avenida Champagnat”. Que boa lição para a Prefeitura de Campinas que não aprende que os nomes de ruas devem ser bem simples ! Vejam: “Avenida Champagnat”. E é quanto basta para homenagear o grande

fundador dos maristas. Já em Campinas a rua em sua honra precisou chamar-se “Rua Beato Marcelino Champagnat”. Não é vontade de complicar? Tenho esperanças de que a Municipalidade ou o Estado descubram algum destino para o edifício do velho colégio: escola mesmo, museu, centro de cultura, enfim algo que não traia suas origens e seu passado. Será uma pena se de tudo quanto os francanos de outrora se orgulhavam restar somente o relógio de sol de Frei Germano. As más línguas se incumbiram de me contar de um vereador que propôs a construção de um abrigo para livrar das intempéries o histórico relógio... “Se non è vero...”

As lamentações aqui externadas pelas coisas que não mais encontrei na velha Franca do Imperador nesta última vez que a visitei devem ceder lugar ao reconhecimento do que hoje representa a grande cidade paulista. Uma visita, embora rápida, ao Museu Histórico José Chiachiri fez-me ver algo de significativo na evolução da cidade. E é agradável constatar que, possuindo a cidade um instituto universitário no qual o curso de História tem especial destaque, podemos esperar que o passado francano não seja tão desprezado, como em geral o são os das demais cidades, pois na própria história urbana encontrarão os novos pesquisadores excelente campo de trabalho. Assim, é igualmente agradável verificar que algumas das teses de mestrado ou doutorado apresentadas por jovens professores do Instituto de História e Serviço Social (antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) versam sobre a própria terra francana. A participação desse “staff” de professores na “Semana da História” que em junho último ali se realizou, constituiu, sem dúvida, uma nota significativa e da conversa que com vários deles mantive, ficou-me a noção clara do interesse pela história regional (e não apenas local), abrangendo uma área geograficamente enorme e bem delimitada, mas sobre a qual até agora nada se podia encontrar que interessasse especialmente aos estudiosos de nosso passado. Os arquivos da Franca e das cidades vizinhas devem guardar preciosidades à espera de quem se anime a pesquisá-los.

A antiga Faculdade de Filosofia de Franca foi dos primeiros institutos isolados de ensino superior criados pelo Estado no interior, datando da mesma época dos de Marília, Assis, Araraquara, Presidente Prudente, Rio Claro, Rio Preto, entre outros. Com a criação da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, que sobre todos eles estendeu sua jurisdição, foram os diversos cursos distribuídos pelos vários “campi”, de modo que evite certa redundância, que inevitavelmente ocorria. E nessa triagem de cursos, coube ao “campus” da Franca ficar com os de História, Biblioteconomia e Serviço Social. Há vários anos vem sendo o instituto francano dirigido por historiadores, como, aliás, é de justiça, dada a importância que se conferiu à História no seu esquema, e isto faz-nos esperar muito daqueles que em Franca realizam sua formação universitária.

ria, especialmente se se considerar a ênfase que a atual diretoria do Instituto vem dando à Pós-Graduação. Quase todos os seus professores são titulados ( mestres ou doutores ) e quase todos com títulos obtidos no próprio Instituto. Isto significa, em termos práticos, o aproveitamento da “prata da casa” e, mais ainda, sendo pessoas da cidade ou nela radicadas, delas se espera um interesse muito maior pelo passado da cidade em que vivem. Eis por que, pelo que pude perceber no meu rápido contato com os colegas que ali labutam, a memória francana não se sente ameaçada. E sob este aspecto, creio que nós, de Campinas, bem podemos invejá-los. O que certamente ainda falta em Franca para que a cidade se torne um grande centro de pesquisa e investigação histórica é bem menos do que falta em Campinas, e tudo leva a crer que os francanos, bem orientados e dirigidos como estão, saberão suprir as inevitáveis deficiências para que a bela cidade seja vista não apenas pelo seu portentoso presente, mas igualmente pelo seu significativo passado.

( Publicado originalmente no *Correio Popular*, de Campinas, nos dias 20 e 27 de julho e 3, 10 e 17 de agosto de 1979. )

\*  
\*   \*   \*

### REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Abreu, Hugo — O outro lado do poder. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979, 208 págs. ( Coleção “Brasil — Século 20”. )

As circunstâncias político-militares que envolveram a publicação do presente livro, inclusive com a prisão do autor, deram-lhe um caráter quase que sensacionalista, extrapolando de muito o objetivo do ilustre General ao publicá-lo. Aliás, a apresentação do volume esclarece quanto à sua sobriedade: “A melhor forma de ler este depoimento não deve ser buscando denúncias sensacionais; há que lê-lo como testemunho de um homem que sacrificou o coroamento de uma notável carreira militar pela fidelidade a suas idéias e à maneira de torná-las realidade; nunca a qualquer preço e, certamente, jamais em troca de posições e cargos, mesmo os mais prestigiosos da República.” Livro, portanto, de depoimento, e eis seu maior valor e que fará dele, no futuro, um exemplo — e dos melhores — do que costumamos denominar “literatura crise”, que aparece nos momentos mais delicados do desenvolvimento do processo histórico. É o pró-